

# O PROCESSO DA PESQUISA E SUAS IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E SOCIAIS<sup>1</sup>

---

*Jussara Ayres Bourguignon<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O processo de investigação exige domínio de elementos que garantam à produção de conhecimentos rigor teórico-metodológico e vinculação orgânica com demandas concretas problematizadas pelo pesquisador a partir de sua inserção na realidade social. Assim, este artigo desenvolve algumas reflexões sobre as categorias totalidade, historicidade e mediação, visto que sustentam a pesquisa em uma perspectiva teórico-crítica.

**PALAVRAS-CHAVE:** praxis, produção de conhecimento, pesquisa social.

O objetivo deste trabalho é focar a produção de conhecimento, que se faz através da pesquisa, e sua necessária vinculação à prática profissional.

O processo de pesquisa exige do pesquisador domínio de fundamentos teóricos, de um método de construção de conhecimento, de procedimentos metodológicos coerentes com o objeto de investigação

---

<sup>1</sup> Elaborado com base na tese de doutorado "A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social", defendida em 2005 junto ao programa de Pós Graduação em Serviço Social da PUC/SP.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutora em Serviço Social pela PUC de São Paulo. Participante da pesquisa "O papel do conhecimento universal ou do núcleo de fundamentos teórico-metodológicos da vida social na apreensão das particularidades da prática cotidiana do Assistente Social", coordenado pela Profa. Josiane Wambier, no período de março a dezembro de 2005.

e o exercício da criatividade – qualidade necessária à elaboração de respostas inovadoras às problemáticas de pesquisa.

Em se tratando da pesquisa, desde a identificação do objeto até o desenvolvimento da investigação e de exposição dos seus resultados, Queiroz (1992, p.13), oportunamente, lembra que:

A concentração do interesse do pesquisador em determinados problemas, a perspectiva em que se coloca para formulá-los, a escolha dos instrumentos de coleta e análise do material não são nunca fortuitos; **todo estudioso está sempre engajado nas questões que lhe atraíram a atenção, está sempre engajado, de forma profunda e muitas vezes inconsciente, naquilo que executa. (grifo nosso)**

As questões motivadoras da investigação estão, portanto, relacionadas aos interesses do pesquisador e a contextos socialmente determinados. É fruto da inserção do pesquisador no real que, dado a sua complexidade, instiga **a busca, o novo, a superação, o original, a possibilidade de recriação**. Não é casual, portanto, a definição do objeto de pesquisa; é sempre expressão de uma dada experiência pessoal e profissional.

Pelo exposto, a perspectiva que deve orientar a compreensão da relação entre investigação e intervenção profissional é a crítica, ou seja, remete à Teoria Social de Marx, especialmente em relação à compreensão da práxis como categoria central, que tem no trabalho seu elemento de mediação e objetivação das finalidades que o ser humano coloca à sua existência histórica.

A práxis é constitutiva do ser social e o ser social configura a práxis através do trabalho. O trabalho é práxis fundamental, expressão da condição do ser social que se objetiva, se materializa através do resultado do seu trabalho, que pode ser material ou espiritual. Não podemos pensar o produto da atividade humana descolado do próprio ser humano; ao contrário constitui sua própria natureza, tanto em seu aspecto material, como espiritual. Ou seja,

O produto da atividade humana passa a constituir um ou vários elementos do espaço social, do ambiente social (que é social, cultural, econômico, religioso, artístico) que o indivíduo, o grupo, a sociedade constituem. Nesse sentido, estes elementos passam a ser não só ilustrações, imagens plásticas, sonoras, ou o que seja, mas também a ser elementos constitutivos das pessoas. (IANNI, 1984, p. 103).

É no processo de trabalho que este sujeito, para atender suas necessidades, transforma a matéria prima, o contexto em que se insere, suas relações e a si mesmo, gerando um saber que re-alimenta a praxis humana. Assim, o conhecimento é uma das expressões da praxis, é uma das objetivações possíveis do trabalho frente aos desafios colocados pela relação entre o ser humano, a natureza e a sociedade.

Em uma perspectiva teórico-crítica, é fundamental para o profissional da área social, que pretenda se colocar como sujeito ativo do processo de produção de conhecimento, acompanhar o movimento contraditório do real e dialogar com diferentes possibilidades de intervenção. Com esta referência, o profissional mobiliza-se a gerar práticas efetivamente capazes de contribuir para a produção do novo, responsabilizando-se para com o alcance social daquilo que produziu teórica e praticamente.

É neste sentido que consideramos relevantes as contribuições de Henri Lefebvre (1991, p.49-50) ao sintetizar as características gerais do conhecimento, sendo elas:

1- O conhecimento humano é prático: “Antes de elevar-se ao nível teórico, todo conhecimento começa pela experiência, pela prática. Tão-somente a prática nos põe em contato com as realidades objetivas.”;

2- O conhecimento humano é social: “Na vida social, descobrimos outros seres semelhantes a nós; eles agem sobre nós, nós agimos sobre eles e com eles.” Estabelecemos relações cada vez mais ricas e complexas ao desenvolvermos nossa vida individual e conhecermos aos outros. Além disso, nestas relações e na prática social desencadeada a partir delas, reproduzimos o conhecimento acumulado pela humanidade;

3- O conhecimento humano tem caráter histórico. Todo conhecimento é adquirido e conquistado: “[...] o imenso labor do pensamento humano consiste num esforço secular para passar da ignorância ao conhecimento.” Trata-se de um processo incessante e metódico, mobilizado pelas necessidades humanas concretas.

Estas reflexões levam a pensar a produção de conhecimento através da pesquisa como uma das modalidades da praxis, em que a relação de unidade teoria/prática pode efetivamente ser trabalhada, a partir da perspectiva filosófica e visão de mundo que orienta o pesquisa-

dor e profissional em sua concepção de pesquisa.

No que se refere ao processo da pesquisa, é preciso reconhecer que o mesmo não se desenvolve sem esforço e orientação teórico-metodológica. Daí a importância do método dialético e do reconhecimento das categorias que sustentam a produção de conhecimento. Esse método implica, conforme Gorender afirma na introdução de *A Ideologia Alemã*, em “[...] Severa disciplina do pensar que objetiva reproduzir conceitualmente o real na totalidade inacabada dos seus elementos e processos.” (MARX e ENGELS, 1989, p.XXXII).

O método que permite fazer o caminho de ascensão do abstrato ao concreto é o caminho do pensamento para construção do conhecimento.

O método da ascensão do abstrato ao concreto é o método do *pensamento*; em outras palavras, é um movimento que atua nos conceitos, no elemento da abstração. A ascensão do abstrato ao concreto não é uma passagem de um plano (sensível) para outro plano (racional); é um movimento no pensamento e do pensamento. Para que o pensamento possa progredir do abstrato ao concreto, tem de mover-se no seu próprio elemento, isto é, no plano abstrato, que é negação da imediatividade, da evidência e da concreticidade sensível. A ascensão do abstrato ao concreto é um movimento para o qual todo início é abstrato e cuja dialética consiste na superação desta abstratividade. O progresso da abstratividade à concreticidade é, por conseguinte, em geral movimento da parte para o todo e do todo para a parte; do fenômeno para a essência e da essência para fenômeno; da totalidade para a contradição e da contradição para a totalidade; do objeto para o sujeito e do sujeito para o objeto. O processo do abstrato ao concreto, como método materialista do conhecimento da realidade, é a dialética da totalidade concreta, na qual se reproduz idealmente a realidade *em todos os seus planos e dimensões*. O processo do pensamento não se limita a transformar o todo caótico das representações no todo transparente dos conceitos; **no curso do processo o próprio todo é concomitante delineado, determinado e compreendido**. (KOSIK, 1976, p. 36 – 37). (grifo nosso)

O conhecimento é sempre processo que envolve um esforço de reconstrução da realidade em nossa mente. Parte-se da realidade concreta, tendo como referência um objeto determinado e, através de processo de abstração e de aproximações às suas determinações, re-

lações e processualidade histórica, volta-se à realidade após desvendá-la em sua totalidade complexa. O método dialético é o caminho pelo qual se pode desvendar a constituição do todo através de aproximações sucessivas sem a pretensão de esgotar a complexidade e dinamicidade do real.

Nesta perspectiva, as categorias<sup>3</sup> totalidade, historicidade e mediação são referências fundamentais para sustentar o processo de reflexão sobre o real e a sua reprodução intelectual. Cabe esclarecer que não são categorias que possam ser tratadas isoladamente, ao contrário, se constituem de forma articulada em um mesmo processo de investigação.

A historicidade expressa, enquanto categoria ontológica, a forma como o homem se objetiva e se transforma concretamente através do trabalho. É a Teoria Social de Marx que fornece os elementos categoriais para debater e analisar a composição da sociedade burguesa de forma crítica e histórica. Permite perceber o desenvolvimento da sociedade burguesa a partir da compreensão do ser social e das formas como este ser produz e se reproduz no contexto das relações sociais.

O pensamento de Marx funda uma *teoria social*: toda a sua pesquisa está centrada na análise radicalmente crítica da emergência, do desenvolvimento, da consolidação e dos vetores de crise da sociedade burguesa e do ordenamento capitalista. Nesta teoria social, o traço peculiar, mais pertinente e decisivo refere-se ao seu cariz *histórico-ontológico*. (NETTO, 1989, p. 92).

Questão fundamental na obra de Marx é a de que sua preocupação com o conhecimento não era de ordem epistemológica, isto é, do como conhecer, e sim de ordem ontológica. Ou seja, Marx subordina o conhecimento à natureza do objeto que procura conhecer: o ser social historicamente situado na sociedade burguesa. É na investigação do que é o ser social, que Marx faz a discussão e construção metodológica. Em Marx se encontra uma articulação necessária entre teoria e metodologia, que resulta em orientações essenciais para compreensão da realidade e do contexto em que as relações sociais são produzidas.

---

<sup>3</sup> As categorias possibilitam a expressão das relações contraditórias existentes numa dada formação sócio-histórica da sociedade. São "[...] formas de ser, determinações da existência [...]" e não meros conceitos. As categorias expressam relações e compreender as relações é o segredo de um processo de investigação. (LUKÁCS, 1979, p.28).

Neste processo, a teoria assume papel fundamental, - o de reproduzir idealmente o movimento do real apreendido, seus processos constitutivos, sua lógica de estruturação, de forma processual e continuada, já que a teoria não esgota a complexidade do real, apenas busca compreendê-la através de aproximações sucessivas.

Em termos breves e necessariamente toscos, o resultado da inflexão promovida por Marx é uma teoria que enfoca a sociedade burguesa como produto extremamente complexo de um processo histórico plurissecular, no qual certas possibilidades do gênero humano não só se explicitam como, ainda, servem para iluminar etapas históricas precedentes.[...]

O traço distintivo dessa teoria é que ela toma a sociedade (burguesa) como uma *totalidade concreta*: não como um conjunto de partes que se integram funcionalmente, mas como um sistema dinâmico e contraditório de relações articuladas que se implicam e se explicam estruturalmente. Seu objetivo é *reproduzir idealmente o movimento constitutivo da realidade* (social), que se expressa sob formas econômicas, políticas e culturais, mas que extravasa todas elas. (NETTO, 2004, p. 57-58).

A teoria representa a reprodução ideal do mundo concreto, que só tem sentido se acompanha a processualidade do real e se não cristaliza conceitos e categorias ali presentes.

O procedimento metodológico próprio a essa teoria consiste em partir do empírico (os “fatos”), apanhar as suas relações com outros conjuntos empíricos, investigar a sua gênese histórica e o seu desenvolvimento interno e reconstruir, no plano do pensamento, todo esse processo. O circuito investigativo, recorrendo compulsoriamente à abstração, retorna sempre ao seu ponto de partida – e, a cada retorno, compreende-o de modo cada vez mais inclusivo e abrangente. Os “fatos”, a cada nova abordagem, se apresentam como produtos de relações históricas crescentemente complexas e mediatizadas, podendo ser contextualizados de modo concreto e inseridos no movimento maior que os engendra. A pesquisa, portanto, procede por aproximações sucessivas ao real, agarrando a *história* dos processos simultaneamente às suas *particularidades internas*. (NETTO, 2004, p. 58).

Para Kosik (1976, p. 49), cada fenômeno é particular, devido à sua constituição específica, mas só ganha significado histórico se sua essência for compreendida em uma totalidade complexa – o contexto social, econômico, político e cultural em que se insere. A categoria tota-

lidade é crucial para orientar as reflexões que possibilitam ao pesquisador compreender a dimensão histórica e a natureza particular de seu objeto de investigação.

Um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como um momento de um determinado todo; desempenha, portanto, uma função *dupla*, a única capaz de dele fazer efetivamente um fato histórico: de um lado, definir a si mesmo, e de outro, definir o todo; ser ao mesmo tempo produtor e produto; ser revelador e ao mesmo tempo determinado; ser revelador e ao mesmo tempo decifrar a si mesmo; conquistar o próprio significado autêntico e ao mesmo tempo conferir um sentido a algo mais. Esta recíproca conexão e mediação da parte e do todo significam a um só tempo: os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inseridos no todo correspondente adquirem verdade e concreticidade. Do mesmo modo, o todo de que não foram diferenciados e determinados os momentos é um todo abstrato e vazio. (KOSIK, 1976, p. 49).

Nenhum fenômeno natural, humano e/ou social pode ser compreendido isoladamente, mas nas suas relações recíprocas e contraditórias, ou seja, numa perspectiva de totalidade. Nada é isolado. Isolar é privar um fenômeno de sentido. Buscar conexões é considerar cada fenômeno no conjunto dos aspectos e manifestações da realidade em que se insere o fenômeno.

A totalidade, enquanto categoria da Teoria Social de Marx, conduz ao conhecimento da unidade do real que representa uma compreensão mais específica de cada campo ou particularidade desse real. A totalidade não quer dizer todos os fatos ou a soma das partes. Implica uma complexidade em que cada fenômeno só pode ser reconhecido e compreendido como um momento definido e em relação com outros fenômenos. O ser social se caracteriza por ser totalidade, visto que se relaciona e interage com os demais elementos constitutivos do real e é determinado pela sua dinâmica histórica.

O próprio da estrutura do ser social é o seu *caráter de totalidade*: não um “todo” ou um “organismo”, que integra funcionalmente partes que se complementam, mas um sistema histórico – concreto de relações entre totalidades que se estruturam segundo o seu grau de complexidade. (NETTO, 1994, p. 37-38).

A concepção de totalidade permite apreender a dinâmica do

próprio real, pois não há totalidade sem se compreender a realidade nas suas íntimas leis e conexões internas. Kosik (1976, p. 44) alerta que “Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato *qualquer* (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido.”

Para Kosik (1976), cada fenômeno deve ser entendido como um todo parcial e histórico, pertencente a uma totalidade complexa. Ao mesmo tempo em que é particular, devido à sua especificidade, só tem sentido se sua essência for buscada a partir da totalidade em que se insere.

É na perspectiva da totalidade que a produção de conhecimento pode ser entendida, como expressão particular do trabalho humano que se processa e se objetiva através da pesquisa. Neste contexto, a pesquisa ganha significado ontológico, ou seja, existencial e laborativo, pois faz parte da natureza humana se perguntar pelo desconhecido e através das possibilidades de respostas atender as necessidades do ser humano em suas dimensões individual e coletiva, produzindo e reproduzindo sua própria existência, não de forma mecânica, mas de forma complexa, processual, contraditória e histórica.

Conforme Ianni (1985), o esforço de desvendar o real através do método histórico-dialético supõe desvendar as contradições que movimentam as relações sociais no real.

A categoria contradição não deve ser compreendida apenas como interpretativa do real, “[...] mas também como sendo ela própria existente no movimento do real, como motor interno do movimento, já que se refere ao curso de desenvolvimento da realidade.” (CURY, 1989, p. 30).

A contradição é o princípio básico da lógica dialética; negá-la é amarrar, amordaçar o processo de pensar o real. Como princípio básico, a contradição está tanto no pensamento como na realidade. Portanto, se a realidade é viva, dinâmica e movimento, assim também deve ser o pensamento. Para Lefebvre (1991, p.174),

Se o real está em movimento, então que nosso pensamento também se ponha em movimento e seja pensamento desse movimento. Se o real é contraditório, então que o pensamento seja pensamento consciente da contradição.

A dialética é a lógica do movimento e da relação, e o pensa-

mento deve apreender as relações internas que se dão numa totalidade em estudo e de forma ascendente. As coisas só têm sentido se apreendidas no seu movimento concreto. Conhecer um objeto ou um fenômeno social supõe não considerá-lo como sendo isolado e sim investigar suas relações, suas determinações a partir de leis universais, que expressem o movimento do real e da natureza (da vida) no pensamento.

A perspectiva dialética busca compreender as determinações de um fenômeno social em seu devir – em seus processos de superação – em uma totalidade que é concreta. Estudar um fato, conhecê-lo, implica em analisá-lo em suas determinações particulares, apreendendo as mediações, as relações mais essenciais que lhe dão dinâmica, sempre de forma articulada à totalidade.

Para tanto, é preciso apreender de forma articulada as determinações passadas que se expressam no presente e determinam as possibilidades de transformações que possam ser engendradas por um sujeito que é político e coletivo. Assim, o método tem caráter histórico – pois contextualiza as relações sociais numa dada estrutura social e econômica de produção – e caráter universal, na medida em que determina a natureza das relações humanas e o processo em que se reproduzem material e espiritualmente.

Trata-se de um processo em que as mediações ganham relevância para apreender, no movimento contraditório de constituição da realidade social, os elementos que dão complexidade e expressão concreta aos objetos de investigação.

A categoria de mediação tanto possui a dimensão ontológica quanto reflexiva. É ontológica porque está presente em qualquer realidade independente do conhecimento do sujeito; é reflexiva porque a razão, para ultrapassar o plano da imediatez (aparência) em busca da essência, necessita construir intelectualmente mediações para *reconstruir o próprio movimento do objeto*. (PONTES, 2000, p. 41).

Pontes (1997, p. 78–79) afirma que as mediações são expressões históricas e concretas das relações que o ser humano construiu com a sociedade e com a natureza, constituindo-se em “indicadores seguros e fecundos” do processo de evolução e enriquecimento humano. É neste processo que o sujeito, através do trabalho, busca e deve buscar “edificar mediações” que rompam com os mecanismos de degradação das relações que estabelece com a natureza e com a socie-

dade, construindo relações humanas dignas.

Ou seja, a construção de mediações entre as várias instâncias do existir humano que conduzissem estas relações para o progresso econômico – social – cultural – espiritual da espécie, com a plena superação da alienação, da exploração etc. (PONTES, 1997, p. 79).

A categoria mediação<sup>4</sup> expressa as relações, conexões estabelecidas entre os fenômenos na sua constituição, bem como entre o sujeito pesquisador/indagador da realidade e a própria realidade. Expressa, ainda, as possibilidades de relações que poderão se constituir no movimento sócio – histórico das objetivações humanas. Apreender, através da pesquisa, as mediações é fundamental para projetar e objetivar ações transformadoras. Podemos entender que a própria pesquisa científica, enquanto uma expressão do trabalho humano, é mediação que se objetiva entre o ser humano, a natureza e a sociedade.

Sustentado num arcabouço teórico-metodológico crítico, é preciso que o pesquisador da área social conheça a realidade em sua complexidade e através de diálogo permanente com ela apreenda e construa as categorias explicativas capazes de orientar o processo de pesquisa e de mobilizar as ações profissionais pautado em valores ético-políticos que se preocupem com o alcance e impacto social do conhecimento produzido. Battini (2003, p. 12) lembra que

[...] a pesquisa é a ferramenta através da qual o investigador mergulha nas mediações (e também as produz) que revelam as particularidades e, municiado pelo seu compromisso político-ideológico, forja novo sentido às explicações do mundo, contribuindo para uma nova civilidade.

É preciso enfatizar que a preocupação com o alcance social de nossas pesquisas acadêmicas refere-se a uma intenção política de fazer o caminho de volta, isto é, de retornar à realidade que sustentou a produção de conhecimento e mobilizar ações que transformem esta realidade, seus sujeitos, seus conhecimentos, as profissões e os profissionais, alargando seus horizontes e potencializando seus objetivos, suas

---

<sup>4</sup> Concordamos com PONTES (1997, p. 81) ao afirmar que “Na teoria social marxiana, a mediação tanto se manifesta como uma categoria que compõe o ser social (ontológica) – [...] –, quanto se constitui num construto que a razão elabora logicamente para possibilitar a apreensão do movimento do objeto.”

competências e habilidades profissionais.

Finalizando, destacamos a necessidade de que o conhecimento produzido na academia seja orientado por uma vinculação orgânica com a prática profissional dos pesquisadores, dimensão e expressão da prática social humana, situada no contexto das relações sociais concretas; portanto esse conhecimento precisa estar sustentado em princípios éticos e políticos que defendam a democracia e a justiça social.

Marx (1978, p. 10), nos Manuscritos Econômicos Filosóficos, já afirmava ser social o trabalho científico, ao analisar seu próprio trabalho e assim colocava:

Mas mesmo quando eu atuo *cientificamente*, [...], uma atividade que raramente posso levar a cabo em comunidade imediata com outros, também sou *social*, porque atuo enquanto *homem*. Não só o material de minha atividade – [...] – me é dado como produto social, como também meu *próprio* modo de existência é atividade social, porque o que eu faço de mim, o faço para a sociedade e com a consciência de mim enquanto um ser social.

Tendo como referência esta reflexão de Marx, reafirmamos a dimensão sócio-histórica da pesquisa na área social e a necessidade do pesquisador manter-se vigilante quanto às repercussões de seu trabalho científico no contexto em que se insere, avaliando suas contribuições, não só para o seu desenvolvimento pessoal e profissional, mas principalmente para um projeto societário que contribua com processos de emancipação humana.

#### THE PROCESS OF THE RESEARCH AND ITS THEORETICAL-METHODOLOGICAL AND SOCIAL IMPLICATIONS

**ABSTRACT:** The process of investigation requires the domain of some elements that assure to the production of knowledge theoretical – methodological rigor and organic entailment with concrete investigated demands for researcher from his/her insertion in the social reality. In this sense, this article reflects on the categories totality, historicity and mediation, as they support the research in a theoretical – critical perspective.

**KEY WORDS:** praxis, knowledge production, social research

## Referências

- BATTINI, Odária. A pesquisa nas ciências sociais: desafios e perspectivas. **Revista Emancipação**. Ano 3, n. 1, Ponta Grossa: Editora UEPG, 2003.
- BOURGUIGNON, Jussara Ayres. **A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social**. Tese de Doutorado. PUC: São Paulo, 2005.
- CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e contradição**. 4. ed., São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.
- IANNI, Octávio. Dialética e Ciências Sociais. **Epistemologia das ciências sociais**. São Paulo: EDUC, 1984. (Série Cadernos PUC; 19)
- IANNI, Octávio. **Dialética e capitalismo**: ensaio sobre o pensamento de Marx. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Trad. de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/lógica dialética**. 5 ed. Trad. de Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Introdução de Jacob Gorender; Trad. de Luis Claudio de Castro e Costa, São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MARX, Karl. 1818 – 1883. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Seleção de textos de José Arthur Giannotti; traduções de José Carlos Bruni...[et al.] – 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)
- NETTO, José Paulo. O Serviço Social e a tradição marxista. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 30, ano X, São Paulo: Cortez, 1989.
- NETTO, José Paulo. Razão, ontologia e práxis. **Revista Serviço Social e Sociedade**, 44, ano XV, São Paulo: Cortez, 1994.
- NETTO, José Paulo **Marxismo impenitente**: contribuição à história das idéias marxistas. São Paulo: Cortez, 2004.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O pesquisador, o problema de pesquisa e escolha de técnicas: algumas reflexões. **Caderno CERU**, Textos 3, 2ª série, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.
- PONTES, Reinaldo Nobre. **Mediação e Serviço Social**: um estudo preliminar sobre a categoria teórica e sua apropriação pelo Serviço Social. 2. ed. revisada. São Paulo: Cortez, 1997.
- PONTES, Reinaldo Nobre. Mediação: categoria fundamental para o trabalho do assistente social. **CAPACITAÇÃO em Serviço Social e política social**. Módulo 4: O trabalho do Assistente Social e as políticas sociais. Brasília:UNB, Centro de Educação Aberta, Continuada a Distância, 2000.